



O PALACIO DE THEOBALDS.

O PAÇO magnifico denominado de Theobalds deveu a sua grandeza e importancia á famosa rainha Isabel: está na parochia de Cheshunt, a doze milhas de Londres, um pouco ao norte da estrada que conduz a Ware. O nome, ainda que de ignota origem, tem-se conservado, e deriva provavelmente de algum proprietario, senhor da primitiva construcção, que na era de 1441 se acha pertencer ao hospital de St.º Antonio em Londres. Passou por diversas mãos, mas quem edificou a primeira obra grandiosa foi lord Burghley, destinando-o para receber a rainha Isabel; e por isso dizemos que aos amiudados passeios desta soberana nas immediações da capital e pelo reino deveu este palacio a sua magnificencia e celebridade: no meiado do seculo de seiscentos teve lugar esta edificacão. Nada se poupou para adornar Theobalds; os jardins foram sumptuosos, e com a preciosa circumstancia de possuirem copia d'aguas, nelles se cultivaram quantos vegetaes podiam prosperar na Grã-Bretanha: havia labyrinthos de intrincada contextura, estatuas de marmore bem lavradas, repuchos de maravilhosa invenção, e quanto nessa epocha se usava para delicia e fausto de taes casas. Das mãos de Burghley, que morreu em 1598, passou o dominio de Theobalds para o conde de Salisbury, que alli muitas vezes banqueteu o rei James, o qual, satisfeito do local, permutou pelo de Theobalds o palacio de Hatfield; escolheu-o para residencia ordinaria, e abi morreu. Tambem o habitou o infeliz Carlos 1.º Agora quasi arruinado interiormente, e bastante no exterior, ainda appresenta o aspecto, que mostra a gravura.

DAS CAIXAS ECONOMICAS.

N. B. Quando a Associação do Montepio geral
OUTUBRO 12 — 1844.

dos empregados, estabelecida na rua da Oliveira ao Carmo, para cumprir o que lhe era ordenado por seus Estatutos, fundou a primeira caixa economica neste reino, sollicitou de um dos nossos mais conhecidos escriptores [collaborador deste jornal] um discurso que patenteasse as vantagens da nova e benefica instituicão; imprimiu-se e foi distribuido gratuitamente esse discurso, notavel pela clareza de idéas e elegancia d'estilo: e por ser tal, e o assumpto tão interessante para a classe popular, julgámos que convinha vulgarisá-lo ainda mais, transcrevendo-o nas columnas desta nossa publicação.

*

A ORIGEM das caixas economicas, mais ou menos imperfeitas, como todas as instituicões nos seus começos, remonta aos fins do seculo passado, e a Alemanha e a Suissa foram os primeiros paizes que as viram nascer. Hamburgo possuia uma em 1778 e a de Berna, destinada só aos creados de servir, organisou-se em 1787. — Seguiu-se poucos annos depois a do ducado d'Oldemburgo na Alemanha e a de Genebra na Suissa. Todas as demais nestes e noutros paizes foram fundadas posteriormente e pertencem ao presente seculo. Em Inglaterra, dizem alguns que a idéa das caixas economicas occorrera ao celebre Wilberforce; mas tudo quanto abi apparece neste genero de instituicões anterior a 1810 é ou duvidoso ou incompleto. Data daquella epocha o *banco de poupanças* [Saving's Bank] de Ruthwel estabelecido por Duncan, o primeiro que neste paiz se organisou com estatutos publicos e regulares. Os seus prosperos resultados foram um poderoso incentivo para a diffusão das caixas economicas. Dentro em sete annos contavam-se no Reino-Unido perto de oitenta estabelecimentos analogos, e em 1833 quasi quinhentos, onde 470:000 individuos, pouco mais ou menos, tinham depositado a enorme somma de

2.ª SERIE — VOL. III.

quasi 16 milhões de libras esterlinas, ou acima de 160 milhões de cruzados, subindo nos quatro annos immediatos o numero dos depositarios a 636:000 e o valor dos depositos a 20 milhões de libras ou 200 milhões de cruzados. Ao passo, porem, que estes beneficos institutos se multiplicavam e cresciam na Grã-Bretanha, augmentavam tambem rapidamente no meio das nações continentaes. Em 1838 as caixas economicas de Alemanha subiam a 257, as de Suissa a 100. A França, onde só foram introduzidas em 1818, conta actualmente perto de 300, e quasi todas as cidades d'Italia as tem visto nascer no seu seio. Á porfia, os governos e os povos tem concorrido para radicar uma instituição, cujo pensamento é, mais talvez que nenhum, civilizador e moral. Como todas as cousas verdadeiramente grandes e uteis, as caixas economicas, não tem encontrado uma opinião politica só que ouse condemnalas; uma crença religiosa que as repudie. As monarchias absolutas, os governos mixtos, as republicas as acceitam e promovem; e ao passo que o sacerdote protestante as aconselha como um poderoso instrumento de morigeração e de ventura para o povo, o supremo pastor da igreja catholica santifica esta formosa instituição abençoando-a e propagando-a nos estados da igreja. Progresso verdadeiro nascido no meio da terrivel luta de idéas e de factos em que ha cincoenta annos se debate a Europa, as caixas economicas não tem custado nem lagrimas nem sangue á humanidade. Evidentemente uteis pela sua natureza; provadas taes pelos principios em que se estribam, e pelos seus brilhantes resultados; simples na sua organização, por toda a parte aquelles a quem os seus beneficos são principalmente destinados, os homens do povo, tem-nas comprehendido e abraçado. Simplicidade, clareza, utilidade reconhecida, são as primeiras condições de qualquer pensamento social que tende a popularisar-se, e as caixas economicas appresentam no mais alto gráu estes caracteres de todas as instituições que devem vir a incarnar-se na sociedade, e a viverem a larga e robusta vida das nações — a vida dos muitos seculos.

Este consenso unanime, não de um paiz ignorante, mas daquelles que se acham á frente da illustração humana, e ahi, não de uma classe de individuos, mas de homens de todas as jerarchias; tal consenso dizemos, é o julgamento mais completo, o testemunho mais irrefragavel da utilidade nunca desmentida das caixas economicas. Onde quer que ellas appareceram a moralidade das classes inferiores e pobres melhorou brevemente; a miseria, perspectiva constante que o jornaleiro ou o assalariado tem diante dos olhos para o ultimo quartel da existencia, deixou de ser uma fatalidade incontestavel. A sobriedade, a economia, as virtudes, emfim, do homem do povo não foram mais uma defeza inutil contra os seus destinos de mendicidade na velhice; e sobretudo a familia, esta imagem da sociedade e sua origem, que, para o que vive do trabalho de cada dia escaçamente retribuido, é muitas vezes flagello e maldição, cessou de o ser, ao menos para aquelle a quem uma consciencia severa ensina a preferir á satisfação de vicios ignobeis o proprio bem-estar futuro, e o bem-estar de seus filhos.

Que é pois a caixa economica; essa fonte de tanto bem? — É a cousa mais trivial e conhecida. É o mealheiro: é esse velho alvitre de economia que temos visto tantas vezes praticado desde pequeninos, e que nossos paes e avós já conheceram; é o syste-

ma do humilde e pouco abastado para fugir a superfluidades tentadoras, e á custa dellas achar socorro em si mesmo no dia da escacesa, da enfermidade, ou do repouso forçado. É o mealheiro; mas o mealheiro tornado productivo, fecundado pela intelligencia e pelo principio da associação. É uma grande e por isso singella invenção do senso commum, que por durante muitas eras ficou por assim dizer no estado de sementinha perdida, até que a luz brilhante do progresso e da civilisação a fez rebentar, crescer, bracejar, florir, e gerar fructos preciosos, que della colhem em abundancia as sociedades modernas.

A este baptismo de regeneração a que, bem como o do evangelho, são principalmente chamados os pequenos, só tarde nós concorreremos. Não que ignorassemos a sua existencia; mas por esta especie de destino mau que nos faz correr apoz novidades de pouca monta ou contrarias á razão, e desprezar o que nas instituições estranhas ha conforme com os nossos costumes, ou accomodado ás nossas precisões reaes. Debalde um dos primeiros economistas portuguezes propoz ha annos na camara dos deputados a creação das caixas economicas, offerecendo a lei que as devia regular, e mostrando as suas vantagens n'um largo relatorio, onde á vasta sciencia se ajunta a eloquencia que vem d'uma convicção profunda. Entretidos com theorias, ou com interesses de partidos ou de pessoas, os homens politicos lançaram no esquecimento as boas e sinceras diligencias do deputado que desempenhava uma das mais graves obrigações do seu mandato. (*) Até hoje nada fizeram a semelhante respeito aquelles a quem mais que a ninguem esse mister incumbia: e se a existencia da primeira caixa economica portugueza se realisou, deve-se este facto a uma associação particular.

Todos os homens honestos; todos aquelles, em cujos labios o amor da civilisação e da moralidade e os sentimentos de philantropia pelas classes populares não são palavras vans e hypocritas, tem estricta obrigação de ampararem esta planta ainda tenra transplantada de terras estranhas para o nosso clima. A caixa economica da Associação do Monte-pio geral deve attrahir a sympathia e protecção de quem quer que estimar o progresso moral e material do seu paiz; porque em nenhum outro, porventura, as vantagens que semelhantes estabelecimentos offerecem são tão completas e exemptas dos raros inconvenientes que alguns economistas lhes tem achado em outras partes da Europa.

É sabido que em regra geral as caixas economicas são uma especie de deposito em que qualquer individuo póde ir ajuntando lentamente e em quantias pequenas ou grandes as sobras da sua receita, deduzidas as despezas necessarias á vida; que em vez de ahi ficarem mortas as sommas depositadas, começam logo a produzir um juro, o qual passado um anno se converte em capital e se accumula ao capital primitivo para com elle produzir novos juros; que esta accumulção bem como a formação do capital primitivo é perfeitamente indeterminada e sem restricções de tempos e de quantias, que excedam um diminuto minimo qual é o de cem réis; que o depositante póde quando lhe approuver levantar o juro ou o principal em todo ou em parte, ou legá-lo como outros quaesquer bens aos seus herdeiros; que, finalmente o homem laborioso e pou-

(*) O Sr. Antonio d'Oliveira Marreca, tambem distincto collaborador do Panorama. — Nota dos RR.

pado tem ahí as suas economias seguras pelas garantias positivas que lhe presta uma associação poderosa e respeitavel, em vez de as conservar improductivas e arriscadas no mealheiro domestico a que, suppondo-lhe o espirito de previdencia e poupança que tantas vezes falta ao operario, e em geral a todos os que vivem de pequenos lucros eventuaes, necessariamente houvera de recorrer.

Com rasão se tem apontado — diz De Gerando — a utilidade moral que esta instituição produz, favorecendo as inclinações para o arranjo e economia. Ella é propicia ás virtudes que se ligam a essas inclinações, ou d'ahí nascem; excita ao trabalho; habitua o homem laborioso a cogitar; ajuda a alimentar os affectos domesticos; concorre para multiplicar tanto os estabelecimentos industriaes como as familias, proporcionando meios de formar e conservar um fundo para crear uma officina, ou ajuntar um dote para casamento; ensina ao pouco abastado como em si proprio póde achar recursos, e como se póde remir na miseria, na doença e na velhice. Ao passo que as caixas economicas diminuem o numero dos indigentes concorrem tambem para nobilitar o character do homem pobre; e para lhe dar aquella honrada altivez que nasce da maior independencia; aos que vivem na estreiteza faz-lhes saber quanto é grato o sentimento da propriedade, estabelecendo-lhes uma que é real, e que, apezar de módica, fructifica e se perpetua. Alem disso são proveitosas á sociedade em gráu subido; porque são conjunctamente symptoma e instrumento de quietação publica.

Os successos vieram justificar as previsões do homem honesto. Tem-se observado em França e em Inglaterra, que não ha individuo que haja feito depositos nas caixas economicas que fosse accusado nunca perante os tribunaes, ao passo que as listas de criminosos feitas em diversas epochas provam que as tres quartas partes dos individuos sentenciados eram pessoas inclinadas ao jogo, ás loterias, ou ás bebidas espirituosas.

Os factos citados pelo virtuoso De Gerando, são, de feito, as consequencias forçosas da idéa geradora das caixas economicas. Das classes populares sahem a maior parte dos criminosos. Tem-se attribuido isto á falta de educação nessas classes: sob certo aspecto, e até certo ponto a causa é verdadeira, mas nem é a unica nem a principal. Se indagámos os primeiros passos dos mais celebres malvados, achámos quasi sempre que partiram dos simples roubos até chegarem á maxima ferocidade do crime: poucos entre os assassinos famosos escreveram logo com sangue a primeira pagina da historia maldita da sua existência. Na estatistica da criminalidade popular predomina o roubo: é uma cousa trivialmente sabida, como o é que a miseria das classes laboriosas produz principalmente esse facto: mas o que a sociedade parece ignorar ou esquecer é que ella é a culpada de que a pobreza do humilde se converta tão facilmente em miseria — mas miseria extrema, desesperada, terrível; miseria que lança quasi por força na estrada da immoralidade o homem do povo, para quem os legisladores ha muito inventaram as masmorras, os destellos, os supplicios, em vez de levantarem barreiras moraes que o salvem de se precipitar no abysmo.

Para o individuo sem propriedade, para o obreiro, o artifice, o creado de servir, para aquelle emfim, que só tem por capital os proprios braços, cuja renda é apenas um salario contingente, a impre-

videncia e o habito de procurar cada dia unicamente os meios de viver esse dia nascem naturalmente da sua situação precaria. Nada espera no futuro, e por isso nada teme delle: probabilidades, contingencias, não as calcula, nem previne. Assim o vemos acceitar com facilidade os encargos de pai de familia. Satisfaz o desejo momentaneo: que importa o futuro áquelle para quem isso não existe?

Depois vem os filhos, vem a doença, vem a falta do trabalho: as affeições domesticas enraizaram-se no coração do desgraçado; a natureza, a religião, os costumes, tudo lhe diz que esses entes que gerou, que essa mulher a quem se prendeu devem achar nelle o seu abrigo, a sua providencia. Ao passo que a má organização da sociedade o inhabilita absolutamente para em certos casos poder supprir os seus, a mesma sociedade lhe diz, e diz bem, que nunca os deve abandonar. Desta ordem de cousas falsa, violenta e contradictoria, resulta que as mais leves tendencias para o crime se excitam e dilatam até chegarem a produzir tristes fructos, cujo desenvolvimento a sociedade crê impedir com as algemas, grilhetas e patibulos, em quanto ella propria com o seu desprezo pelas classes pobres, com a falta absoluta de instituições verdadeiramente moralisadoras e beneficicas, alimenta a arvore vencinosa que produz as acções criminosas.

(Continuar-se-ha.)

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

21.º

A apparição.

Em quanto um dos ladrões reprehendia ao outro que tanto tinha ateimado para que matassem o soldado, que tinha disparado a frecha, e que agora inesperadamente de assassino se tinha convertido em protector; o soldado olhando para o horisonte, virou-se para os dois ladrões com mostras de apprehensão e terror:

— Olhai, camaradas, não vêdes as almenaras que vem correndo para esta banda? É a tropa de Castella que se approxima. Dentro em pouco poderão surprehender o meu tiuphado, e os meus companheiros.

— E que temos nós com isso? [lhe voltou o companheiro de Antonio]. Tu és preza da quadrilha. Vamos levar-te ao capitão: o capitão decidirá. Se elle ordenar que te torçam o pescoço como um frango. . . .

— Que! [replicou o soldado].

— Poens-lhe alguma duvida? Eu por mim não vejo nisso nenhum inconveniente. Anda para diante.» Nisto sentiram, ainda distante, ruido de gente que caminhava. Viraram-se e viram luzir armas.

— São os meus camaradas [disse o soldado]. Se me deixasseis ir lá n'um instante avisa-los para se não extraviarem. . . .

— Anda para diante, já t'o disse [retrucou um dos ladrões, acompanhando a intimação com uma boa pranchada sobre as costas do soldado].» Este teve impeto de se atirar ao ladrão, mas reprimiu-o a lembrança da critica situação em que se achava; e o outro bandido quiz interceder, mas conteve-o um olhar severo que o companheiro lhe deitou.

Chegaram emfim á presença do capitão; e os dois bandidos notaram com algum espanto duas pinhas

que estavam prezas ás pontas do touro. O capitão, que conheceu o soldado, dirigiu-se logo a elle :

— Tu por aqui?

— É verdade, capitão.

— E que tens por cá?

— Saberá o capitão [e referiu-lhe que o Véla, vindo perseguido mais a sua gente pela tropa castelhana, lhe pedia asylo].

Em quanto o soldado dava o recado, o capitão ora abanava a cabeça; ora corria a mão pelas pinhas, e as pontas do touro, com expressão indisivel de malicia e ironia; ora olhava para a serra, e via, bem differente do soldado, sem nenhuma mostra de soçobro ir-se estreitando cada vez mais no horisonte o arco desoccupado pelas almenaras; e pelo riso que lhe assomava nos labios dir-se-hia que se o coração do soldado se ia contrahindo pelas ver crescer, o delle por isso mesmo se ia dilatando.

Depois do soldado ter concluido fazendo em nome do conde Véla muitas offertas e promessas ao ladrão, este tocou-lhe a vez de fallar :

— Com que o conde vem perseguido....

— Sim, capitão.

— E traz cem homens....

— Sim, capitão.

— E vem armados....

— Sim, capitão.

— E pede-me asylo por esta noite para si e para elles....

— Sim, capitão.

— Assim mesmo armados....

— Sim, capitão.

— E aquellas almenaras....

— São o signal da tropa que nos persegue, e se vem approximando. Nossa Senhora nos accuda, como elles vem crescendo para nós!

— Pois eu não posso conceder o asylo.

— Ó capitão, pois vós.....

— Tenho dito.

— O conde havia de ter comvosco uma lembrança, capitão....

— Não cáio em metter cá tanta gente estranha armada.

— E desarmados, capitão?

— Conforme.

— Conforme o que?

— Se fosse o conde com até seis.....

— E eu entro nessa conta?

— Tu és preza da quadrilha.

— É o resto dos meus pobres camaradas hão de cabir nas mãos do inimigo?

— Olha para a serra [foi a resposta do ladrão].» As almenaras vinham crescendo cada vez mais.

— Avia-te [continuou o bandido]; leva esta resposta aos teus.

— E vós não vindes comigo, capitão?

— Não desamparo o meu posto.» E dizendo isto, levantou as mãos, com os dez dedos todos abertos, á altura da cabeça. O segundo que estava ao pé delle, e bem o entendeu, correu á caverna; e dahi a pouco sahiram della mais dez homens armados que foram reforçar os da emboscada. O soldado já tinha partido.

Dahi a poucos minutos chegava o conde Véla com sete homens, todos desarmados — seis e o soldado que tinha levado a mensagem.

— Deus vos guarde, capitão.

— As vossas ordens, senhor conde.

— Os meus homens, que lá ficam fóra ao desabrigo, poderão escapar?

— Deus o sabe.

— Os inimigos que me perseguem chegarão até aqui?

— Talvez.

— E nesse caso estarei eu seguro de elles me procurarem na vossa caverna?

— Conforme.

— Conforme! As vossas palavras são cavilosas, capitão....

— Accendam aquellas pinhas; mettam na capoeira os sete gallos que agora chegaram [foi a resposta unica do bandido]. E ainda bem a não tinha dado, já as pinhas prezas ás pontas do touro de pedra estavam accesas; e os sete homens que acompanhavam o conde estavam cingidos cada um com laço de corda em volta do corpo que lhes não deixava mover os braços, e eram arrastados pelos bandidos para ao pé da caverna. Muitos delles bradavam: traição, traição! E um, que era o do recado, deu um assobio agudo e prolongado, que retumbou pela serra.

O conde sem perder a compostura no meio daquella scena, voltando-se para o bandido:

— Capitão, vós haveis-me atraído; mas ainda me restam lá fóra 93 homens de armas, que me hão de vingar no vosso sangue. Elles estão perto: ouviram, de certo, o grito d'alarma soltado agora pelos meus camaradas amarrados: não tardarão aqui.

— Hão de achar um muro de ferro no caminho.

— Rompê-lo-hão, rompê-lo-hão!

— Hão de cabir n'uma emboscada que alli em baixo tenho armada.

— Abrirão passo por meio della, malvado!

— Serão rechaçados com grande perda.

— São 93 e são leões, e os vossos não são tantos.

— Trezentos que elles fossem. No sitio onde os meus estão postados, cada homem val por dez.

— Bandido, bandido! Ouvis o som da bozina, e gritos? São elles que chegam, bandido! [E os soldados alavezes ouvindo o assobio, e suspeitando traição, haviam com effeito chegado perto do desfiladeiro, proximo ao qual estava a emboscada].

— Ouvis as pragas, o gemer dos feridos, e as vozes de desalento? São rechaçados, rechaçados, rechaçados! [E eram, de feito, ao intentarem aquelle passo].

— Lá tornam a atacar. Coragem, meus bravos alavezes. Vingança, vingança!

— Ouvis o alarido victorioso dos homens da emboscada? Ouvis! Ouvis! Lá tornam de novo a ser repellidos com grande mortandade os vossos bravos alavezes.

— Renovam o ataque. Escutai..... escutai.

— Renovam! então não tarda a derrota.»

Dahi a pouco chegava um bandido dos da cilada, gritando com alvoroço:

— Retiraram. Fogem em debandada. Vinte mortos, trinta feridos, muitos prisioneiros. Dos nossos um morto, e oito feridos. Ordenais alguma sortida, capitão?

— Nada de sortidas. Firmes no seu posto.... E agora, senhor conde?

— Traidor infame! [E o conde estava pallido como uma estatua da desesperação].

— Palavras vaãs! [lhe tornou o bandido]. Eu sou castelhano; vós sois alavez. Que fé póde baver entre nós? A que houve de vós para o conde de Castella. Sei quanto se passou comvosco. Tambem deito os meus espias por esses alfozes, e o eccho das vossas traições já chegou a estas montanhas.

— Bandido infame!

Eu sou bandido! Vós roubaes a taleiga do judeu, a trouxa do vendilhão, e os alforges do frade com menos escrupulo do que eu, e com dureza cruel os escoreis do ultimo silique na masmorra escura da vossa torre alvarran. Lançaes tributos ao pobre; e eu é ao rico que principalmente os lanço. Opprimis o devedor desgraçado, açoitaes com pontas de ferro o escravo; eu dou-lhes guarida. Eu sou nobre e generoso na minha oppressão, porque para opprimir arrisco a vida; e vós, oppressores covardes, opprimis sem perigo da vossa. Sois poderosos dentro dos vossos castellos? E eu sou-o ainda mais na minha caverna. Mandaes? tambem mando. Governaes? tambem sou obedecido. Sois condes? e eu sou rei. Sou mais do que rei; sou padre, sou confessor, e sou medico. Eu sou bandido! É verdade. Roubo para viver; assassino o viandante que me resiste; mas bandido como sou conservo no coração o amor da minha terra. Eu que sou homem da montanha, ao homem do povoado, que é meu inimigo, cravo-lhe o ferro no peito. Mas no seio de minha mãe, no seio da minha patria, nunca o cravarei. Tendes-me agora entendido? Preparai-vos para morrer.

— Morrer! Morrer!

— Heis medo á morte, alma fraca! Eu que não sou conde, e que não sou cavalleiro, eu triste bandido cem vezes a affrontei já nesses campos de batalha quando fui soldado, mil vezes a tenho affrontado nas agruras destas serras!

— Fraco nunca o fui, homem, dai-me cá a vossa mão. Fostes soldado; sempre amei os homens bravos. Mas as vossas palavras accendem em mim o sentimento da vida. . . . Eu preciso de viver. . . . Tenho no peito um pensamento, um voto de vingança que preciso executar. Deixai-me viver, homem, e pedi o que quizerdes. Eu ainda posso muito, posso tudo em Navarra.

— Vedes as almenaras que se vem approximando? Vedes como vem correndo ao signal das pinhas que alli ardem?

— Vejo, vejo os meus inimigos que se approximam de mim. Mas quem vos tem atégora detido a mão homicida? Que idéa infernal é a vossa?

— Entregar-vos vivo ás tropas de Castella. Nunca fiz tenção de banhar as minhas mãos no vosso sangue.

— Ó homem cruel! Quem me dá por caridade um ferro, quem me descarrega um golpe, que prive os meus perseguidores do prazer de me captivarem vivo! Capitão, concedei a um moribundo a ultima supplica; recolhei no gume d'uma espada o meu ultimo suspiro; na espada do ultimo bandido da vossa quadrilha! E depois atirai embora com o meu cadaver aos meus inimigos implacaveis; mas não lhes entregueis o homem!

— O bandido comprehende-vos, conde: o bandido tem entranhas.»

Dahi a momentos a cabeça ensanguentada do conde Véla rolava aos pés do capitão. Dahi a um quarto de hora recebiam-na as tropas do conde de Castella. Dahi a duas semanas os escravos estavam forros; os criminosos perdoados; os homens de officio restituídos ao seu officio; os miseraveis, uns adoptados por buccelarios do conde, outros distribuídos pelas fazendas dos proprietarios como servos da gleba; e o capitão dos bandidos, que já o não eram, estava um lavrador remediado; não sem saudades da sua caverna, e nem perdida a tenção de buscar

na guerra as commoções e aventuras que lograra na montanha.

Resta agora explicar o procedimento deste homem singular. O bandido, ao descobrir tropa na serra, receou. Mas com aquelle sexto sentido que é apanagio das intelligencias privilegiadas, destrahendo logo o fio que o podia salvar, resolveu fazer rosto de amigo aos que o vinham atacar, se fosse ataque, e offerecer-se para a guerra imminente com os seus homens de peleja n'uma conjunctura grave em que os serviços eram de aceitar, e não haveria escrupulos na escolha dos braços capazes de os prestar. Mas notando as almenaras, e atinando no verdadeiro motivo daquella busca nocturna, determinou, por patriotismo e por calculo, jogar o seu melhor trunfo, e ganhar aquella mão.

(Continuar-se-ha.)

A. d'O. Marreca.



A CAMPHORA : FOLHAS E BAGA.

A CELEBRE arvore da camphora da Samatra é das mais corpulentas das mattas daquella grande ilha; acha-se tambem em Bórneo, e n'outras do Archipelago oriental. Porem a camphora que é trazida á Europa é produzida por uma casta de loureiro, porque a outra raras vezes chega ao nosso mercado, sendo levada principalmente para a China, onde alcança subido preço. O loureiro da camphora é nativo do Japão.

Parece que os gregos e romanos obtiveram conhecimento desta droga, e nós devemo-la aos arabes. As suas propriedades chemicas descrevem-se pela seguinte maneira: — é uma substancia vegetal, de natureza oleosa, combustivel, odorifera, volatil, concreta, e cristalina. — O seu cheiro é forte e penetrante; é tão inflammavel que arde fluctuando n'agua. Um curioso movimento rotatorio acontece nas pequenas particulas de camphora que se espalham pela superficie da agua: se um pedaço de forma cylindrica fór mergulhado neste liquido dissolve-se, não por igual em toda a porção submersa,

mas com grande rapidez na parte que está de nível com a superfície da agua.

A camphora é muito usada em preservar dos estragos dos insectos os objectos preparados de historia natural; o seu activo cheiro destroe as especies mais pequeninas, e afugenta as maiores. Na medicina é applicada como sedativo.

DO EGOISMO DAS LINGUAS.

CHAMAREMOS assim esta tendencia universal em todos os povos para nacionalisarem a orthographia dos nomes proprios alheios. Os latinos latinisaram os nomes gregos, os povos do norte barbarisaram os latinos, os arabes arabisaram os novos dialectos que se estabeleceram com as monarchias wisigothicas, e nós os modernos tambem estropeámos reciprocamente os nomes proprios uns dos outros. De modo que, nós os portuguezes, dizemos Londres, Troyes e Bordeos, e os francezes e inglezes de sua parte dizem Lisbon, ou Lisbonne, Oporto e outros. O uso e a culpa geral tem dissimulado estes latrocinios, ou antes avarias e estragos na propriedade das linguas. — Nos nomes de terras tem isto menos inconveniente porque tem uma existencia actual, e é mais facil atinar-se com a individualidade, porem nos nomes proprios antigos, ou mesmo nas povoações que passaram, e acabaram, estas alterações produzem uma confusão e obscuridade ás vezes indecifrável. Umavez estas mutações tem sua desculpa porque foram os dialectos que mudaram alternando a orthographia e a pronuncia, e não foram os estrangeiros nesse caso os estropeadores, v. g., em Bordeaux, Troyes, Bloie e outros que os francezes pronunciavam com terminação em *é* dizendo ou soando Bordéu, Troé, e Bloé; e como neste tempo é que se foi formando a nossa lingua, e não tendo nós a caprichosa esdruxularia de pronunciar d'uma forma e escrever de outra, ficámos escrevendo e pronunciando quasi como os francezes do tempo de Ronsard e d'Amiot.

É uma cousa curiosa ver as variações que foram experimentando os nomes proprios: apontaremos primeiro as dos nomes de terras, e depois daremos algum de pessoas. Quantas methamorphoses experimentou a palavra Beja? Antes dos latinos nada sabemos; porem estes lhe chamaram *Pax Julia*: vieram os povos do norte, e achando o nome comprido abbreviaram-no e lhe chamaram *Páce*: os arabes extinguindo o imperio gothico, não tendo no seu dialecto a letra *P*, substituiram-na pelo *B*, e disseram *Bace*; mas o *C* entre elles sóa como *X*, e então escreveram *Baxe*, e assim se encontra nas historias arabes da Peninsula; e os portuguezes acharam menos doce e suave aquelle som, e disseram e escreveram *Beja*. Entretanto hoje é uma grande difficuldade poder adaptar ás terras os nomes que lhes deram os mouros: nós temos encontrado nos escriptores mahometanos muitos nomes de terras, sobre os quaes tem suado os interpretes, impossiveis d'applicar; n'outros temos sido mais felizes, á força de muito pensar e combinar.

Seria um serviço importante feito á historia e á geographia que algum homem estudioso, instruido e paciente, se occupasse desta materia: para quem fosse mediocrementemente versado nas linguas não seria difficil com algum trabalho interpretar estes enygmata que se encontram a cada passo nas chronicas e historias antigas, ás quaes seria utilissimo juntar

um glossario das palavras indecifráveis ao commum dos leitores; ou então explicar nas reimpressões o que nas obras houvesse d'obscuro, e rectificar o uso antigo pelo moderno, conservando todavia o texto primitivo como fez Buchon, membro do instituto de França, na sua edição da chronica de João Froissard. Do serviço feito por este illustre e infatigavel historiographo tirámos nós a utilidade d'explicar um facto da nossa historia, indecifrável até alli pelas anteriores edições. Estava ahí o facto consignado desta maneira: — Querendo o mesmo consciencioso chronista inteirar-se do estrondoso e quasi inexplicavel successo da victoria d'Aljubarrota, acontecida no seu tempo, para o referir na sua chronica; e tendo noticia que muitos cavalleiros gascões tinham figurado na dita batalha, pôz-se a caminho, foi a Bearn e appresentou-se na cõrte de Gastão de Foix para ahí ouvir da boca mesmo de testemunhas oculares a descripção do successo. — Gastão de Foix chamou os cavalleiros, os quaes lhe referiram o successo, como lhes pareceu [procurando desculpas, bem entendido, para se excusarem do desar, porque estiveram do lado dos castelhanos]. Mas o chronista não era homem a decidir-se, e menos a julgar só pelo arrasado d'uma das partes sómente: e tomando nota do recontado, voltou para a cõrte de França a ruminar a materia. Eis lhe chega a nova de que a Midlessex, porto então mui frequentado na ilha de Walcheren, haviam chegado uns cavalleiros portuguezes que passavam embarcados para o norte, os quaes vinham de Lisboa e pertenciam á cõrte portugueza, tão asados para informadores que era um delles *filho ou irmão do condestavel*, aquelle cujo nome e proezas militares andavam nas azas da fama. Lá voou João Froissard; atravessou a Belgica, e avistou-se com os portuguezes, dos quaes um, chamado *Perkek*, lhe esteve contando todo o successo da batalha. Ora qual seria o portuguez que chegando a este ponto da chronica, não desejasse anciosamente descortinar quaes eram as taes personagens? Quanto ao filho ou irmão do condestavel não havia ahí que pensar, pois era erro no primeiro, e provavelmente equivocação no segundo, mas quanto ao *Perkek*, o recontador, como atinar com tal pessoa? Decifrou o enigma o academico Buchon pondo adiante de *Perkek* [João Fernandes Pachêco]. Fôra com effeito este fidalgo aquelle brioso portuguez que estando no seu castello de Ferreira d'Aves, quasi ao tempo da batalha d'Aljubarrota, se pôz a caminho com 60 escudeiros seus a cavallo, e marchou de dia e de noite, sem descansar, até vir juntar-se ao exercito real na mesma tarde do conflicto. E por signal que Diogo Lopes Pachêco, seu pai, se achava então com elrei D. João 1.º, e quando este, vendo que alguns dos cavalleiros principaes da Beira não concorriam, e se queixava disto diante de Diogo Lopes, respondia este: = Senhor, se João Fernandes é meu filho, não haja medo que falte nesta occasião. =

Nós não sabemos que negocio levava á Prussia João Fernandes Pachêco e seu companheiro: porem achando nós consignado nas chronicas do tempo [nas de Fernão Lopes e Azurara] que depois das treguas de quinze annos entre Portugal e Castella muitos cavalleiros portuguezes, enjoados da paz, sabiram do reino a ganhar por seu braço nome e fama pela Europa, julgámos que ou esta rasão, filha do espirito da cavallaria do tempo, ou alguma outra misão da sua cõrte o levaria ahí. Agora diremos co-

mo é que Froissard chegou a fazer do nome *Paché-co* o seu *Perkek*. Ora é de saber que antigamente aquella nome se escrevia com *h* em lugar do *c*, dizendo-se *Pachéko*, ou mesmo *Pachako*, como se encontra nos documentos dessa epocha e anteriores. Provavelmente Froissard conservou assim escripto o nome até o empregar na sua chronica; e em lugar de ler *che* como os francezes, leu *que* como nos dialectos do norte, e como se estivesse escripto *ke*; e daqui facilmente passaria ao *Perkek*. Entretanto o estropeamento francez dos nomes estrangeiros é proverbial.

Este exemplo nos dispensa de produzir outros, e servirá de demonstrar o grave inconveniente destas invasões e mutações de nomes proprios que fazem obscuridade e confusão como dissemos: parecendo-nos que não só seria mais claro e mais justo conservar a orthographia e o som proprio dos nomes segundo sua origem, mas que isto mesmo daria ao discurso e á escriptura um ar de illustração classica e scientifica em lugar do barbarismo d'estropear os nomes. Já hoje com effeito os litteratos pronunciam os nomes proprios com suas terminações primitivas, e em lugar de dizerem, como os escolares, Cornelio Nepote, Suetonio, Varrão, &c. pronunciam Cornelius Nepos, Suetonius, Varro, &c.

J. da C. N. C.

SOBRE OS REMEDIOS SECRETOS.

NEM só em França apparecem as composições secretas, tambem em Portugal as vimos constantemente infestando os jornaes, afóra aquellas que se não annunciam, e o mais é sem que resultem em proveito da humanidade, nem se applicquem por pessoas devidamente auctorizadas para isso. As preparações secretas tem-se observado pela pratica, que são damnosas, e longe de serem remedios são venenos por muitos motivos. Estas preparações só deviam ser applicadas depois de serem escrupulosamente analysadas, e devidamente experimentadas; porem não acontece assim, cada um lembra-se de fazer um remedio particular, e nem só o applica para uma molestia, como geralmente para todas; hajam ou não as mesmas circumstancias para o qual o seu remedio tem a propriedade de a curar; sem comtudo deixarem de se pagar muito bem do seu infallivel mysterio. Estes remedios deviam ser analysados por uma corporação scientifica, e depois de approvados conceder-se ao descobridor, ou inventor uma licença para o poder vender; e sendo reprovados e continuando a sua applicação pagar uma grande multa como determina o edital de 22 de dezembro de 1798 (*); porque da applicação de taes remedios sempre resultam pessimos inconvenientes; até porque a maior parte das vezes falham na cura, e então perde o doente o tempo em que poderia aconselhar-se com algum facultativo, e por conseguinte usar de outro medicamento que lhe fizesse bem; outras vezes estes medicamentos são para outra molestia, e como o individuo que o applica não o conhece porque não foi essa a sua profissão, administra o seu remedio universal, e ao doente, longe de se curar, resulta-lhe adiantar-se a molestia, e depois quando lhe querem acudir é já quando não podem. Temos por conseguinte demonstrado, que, os remedios secretos só são boas preparações, quando não se ignora qual seja a sua composição, e tudo mais que

(*) Vid. o Codigo dos Pharmaceuticos.

exceder desta doutrina é sacrificar a humanidade nas mãos de ignorantes e charlatães. Eu já vi administrar o subcarbonato de chumbo [alvaiade] para curar as febres intermitentes, inculcado como um especifico, e muito particular: movido da curiosidade de saber o que era fiz as minhas experiencias no tal mysterioso medicamento, e mostrando-o, e consultando outras pessoas auctorizadas na materia me certificaram ser o mesmo, que eu tinha concluido de minhas observações. Ora applicar assim uma substancia destas internamente é o mesmo que dar um passaporte para o outro mundo; uma substancia da qual não ha auctor algum [ainda mesmo dos mais antigos] que aconselhe a applicação internamente, e que até os mesmos que trabalham com ella estão sujeitos a serem atacados de uma colica, a que chamam colica dos pintores, molestia terrivel de que muitas vezes perecem. Como seria possivel este medicamento obrar de tal maneira, que fizesse cessar a febre intermitente? Creio que não era possivel. Portanto remediar todos estes inconvenientes é um serviço de grande apreço para a humanidade, e que a auctoridade competente deve ter em vista; cohibindo que esses impostores, e charlatães, inculquem como remedios particulares, preparações pela maior parte damnosas para a humanidade.

Isidoro José Gonçalves.

DOS TROBADORES, E DA POESIA CONSIDERADA COMO ELEMENTO DE PROGRESSO E APERFEIÇOAMENTO DA LINGUA PORTUGUEZA.

(Continuado de pag. 278.)

O CANCEIONEIRO do Collegio dos Nobres foi um achado precioso porque nos põe a par dos conhecimentos philologicos e linguisticos das demais nações que abraçaram a lingua romana. Mais ricos somos em poesia do que em prosa daquelles remotos tempos, anteriores a elrei D. Diniz; porque dos reinados de Sancho 1.º, e de seu filho e neto, isto é desde o meio do seculo 12 até a primeira quarta parte do seguinte apenas nos restam alguns poucos documentos em prosa nos quaes a lingua vulgar é rude e informe, sem grammatica nem euphonia; mistura barbara de locuções latinas corrompidas e nacionaes, amalgamadas sem regularidade alguma; ao mesmo passo que possuimos em poesia as trovas do citado Cancioneiro, sobre as quaes diz mui sensatamente o editor na Advertencia preliminar: = é regular em grammatica, e geralmente em orthographia. = Porem nós não faremos aqui mais extensa exposição ácerca desta preciosidade, de que ainda fallaremos; agora somente nos cumpre continuar o paralelo entre algumas de suas estrophes, e as trovas d'outros trovadores estrangeiros, á vista do qual será facil concluir da similhaça da lingua.

Não damos paraphrase, ou explicação grammatical das mesmas estrophes, porque, como bem advertiu o sobredito editor, = a leitura será facil a quem tiver conta nas abbreviaturas, synalephas, e no mesmo modo com que é pontuado; considerando este antes como indicativo das inflexões ou accidentes da musica per que erão notadas as cantigas do que como logica d'incisos grammaticaes: pois a fora pontos fallecem-lhe todos os outros signaes orthographicos, actualmente em uso. = Já por aqui ficam prevenidos os leitores que as ditas estrophes

ou cantigas eram destinadas ao canto, e são deste genero todas as do nosso cancioneiro.

Advertimos igualmente que não obstante se dizem propriamente trovadores os compositores de trovas, dizeres, ou cantares destinados ao canto, acompanhado da lyra ou d'outro instrumento musical, não deixava de haver poesias de genero mais

elevado a que se possa dar nome de Poema, como eram na Hespanha os do Cid e d'Alexandre, em França o de Boecio, na Italia o da Divina Comedia, e muitos outros. Mas todos estes se compunham e escreviam na lingua provençal adoptada no idioma especial de cada nação.

Cancioneiro, a pag. 52.

Engarirdes uoss ome q̄ matades
e que uos ama mais q̄ outra ren
por mim uos digo q̄ no acho quẽ
me de consello nen uos ño mio dades
pois deus sabe quã de coracõ
Ogen uos amo e se el me perdõ
desamo mi por q̄ me desamades.

Idem pag. 68 v.

E sabe deus que adur eu uin y
dizer uos como me uejo morrer
por uos Señor (*) mais non poss al fazer
en el por deus doede uos de min
ca por uos moir esto sabede ben
e se quizerdes mia Señor porem
non me deuiades leixar morrer.

E ja que uos comecei a dizer
ben que uos quero se uos non pesar.
Sennor fremosa quero uos rogar
que uos non pes por deus de uos veer.
nen de falar uosc e faredes ben.
e gran mesura e quant e meu sen.
tenno que non a por q̄ uos pesar.

Cancioneiro pag. 72 v.

A uos Sennor que tan ben parecedes
e a quen uos fez parecer assi
que tantas donnas en o mundo ui.
de parecer todas las uos uencedes
e de bon prez. e de fallar mellor.
e pois deus tanto ben uos fez Señor
de uos amar non me vos en q̄ixedes.

Idem pag. 76.

E por que uos ui fremosa falar
e parecer logo uos tantamei.
Senñor fremosa que assi cordei
q̄ nunca uos podesse mais amar.
E ora ia direi uos que miauen.

Id. pag. 84.

Algun amigo meu se sacordasse
e acordado fossen me partir
ante da terra e leixasse mir
e pois eu ido fosse ele chegasse
u de chegar eu ei mui gran sabor
u est a mui fremosa mia Sennor
e llo gran ben que lheu quero contasse.

Lingua catalaã. — Poema de Santa Fides d'Agen, citado no — Recueil de l'origine de la langue et poesie franç. =

Canczon audi ques bellantresca
que fo de razõ espanesca
non fo de paraulla grezesca
dolz esuaus es plus que bresca
e plus que nuls piments qome mesca
qui ben la diz a ley francesca
cuig men qe sosgranz pros len cresca
e qe nest segle len paresca :

Tota basconnet aragons
el encontrada dels gascons
sabem qual ses aqist canczons
esses ben vera sta razons
en laudi legir a clerizons
e agramadis a molt bons
si qo no mostral passions
en que omligestas leicizons
e si vos plaz est nostre sons
aisi cõl guidal primers tons
eu la vos cantarei en dons. (::)

Lingua limosina. — Extractos produzidos no tom. 1.º da collecção de D. Thomaz Sanches.

Esperanza res non dona
ama pena comportar
lora que vinch à pensar
qui ofèn nunca perdona.
Lo ofen à franqueix la cara
et perdona quisque sia
qui ofèn tostemps diu gara
que non faza per falsia.
Ausades Deu me confona
si non cuit desesperar
lora que vinch a pensar
qui ofen nunca perdona.

Contra felnia suñ fait de gran bontát
Contra prejuri de bona feeltat
Contra avaricia sun fait de largetat
Contra tristicia sun fait d'alegrat
Contra menzonga sun fait de veritat
Contra luxuria sun fait de castitat
Contra superbia sun fait d'umilitat. (**)

(Concluir-se-ha.)

(::) O auctor que escreveu o seu *Recueil* em 1581 diz que esta poesia tinha 500 annos d'antiguidade. Ainda dado algum desconto, será anterior ou parallela ao nosso Cancioneiro.

(**) Poeme sur Boece; manuscripto do 11.º seculo, encontrado na bibliotheca do mosteiro da abbadia de Fleury, ou de S. Bento *sur Loire*, citado por Mr. Raynouard.

(*) Os nossos antigos não escrupulisavam em generos; sennor em vez de *sennora* toava-lhe melhor.